

Romance das palavras ou um dicionário diferente: considerações sobre gramatização e a obra de Celso Pedro Luft*

Verli Petri (UFSM)**

Resumo: O presente texto traz uma versão ainda preliminar de minhas reflexões acerca do processo de gramatização das línguas e está dividido em duas partes: na primeira, trago questões teóricas, destacando especialmente o trabalho desenvolvido por Sylvain Auroux na área de HIL e tento estabelecer relações com as pesquisas que venho desenvolvendo atualmente; e, na segunda, tento colocar em funcionamento noções teóricas já discutidas e suas relações com a obra de Celso Pedro Luft, gramático e dicionarista gaúcho do século XX, enfatizando especialmente **O romance das palavras**, de 1996.

Palavras-chave: gramatização; dicionário; história das ideias linguísticas; Celso Pedro Luft.

Introdução ou reflexões sobre o processo de gramatização das línguas

Se eu fosse propor uma epígrafe para este texto, que é ainda um texto embrionário - posto que foi pensado primeiro como uma fala e agora passa à materialidade escrita -, eu escolheria uma passagem da obra de Sylvain Auroux que me conduza a pensar que o falar e o escrever são práticas sociais. Eis o que diz o autor: “Se a palavra faz coisas, ela não o deve a uma performatividade qualquer, mas à sua estrutura material. As palavras são, de fato, coisas entre coisas” (1992, p. 19). É desta perspectiva que produzo esta reflexão e não tenho o desejo de apresentar um texto pronto e acabado, pois nele trago apenas algumas questões sobre a gramatização da perspectiva de Sylvain Auroux e um levantamento de elementos relevantes para a compreensão do processo da gramatização, pensando sempre que este pode assumir diferentes máscaras em diferentes línguas, sob condições de produção diversas. Tomo como ponto de partida a gramatização e pretendo chegar a explorar, ainda que

* Uma primeira versão deste texto foi apresentada na II *Jornada do Projeto PALADIS*, realizada no Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da UNESP de São José do Rio Preto-SP, nos dias 28 e 29 de setembro de 2010. Tal atividade foi coordenada pelo Prof. Dr. José Horta Nunes e está relacionada ao projeto "Palavra, Discurso e Silêncio: no movimento dos sentidos urbanos", com apoio da FAPESP (Proc. nº 2009/15205-1).

** Professora e pesquisadora do Laboratório Corpus – PPGL/UFSM. E-mail: vpetri@terra.com.br.

brevemente, a obra **O romance das palavras**, de Celso Pedro Luft, a título de investigação preliminar.

A retomada da noção de gramatização e, conseqüentemente, das noções que dela advêm se dá a partir das seguintes obras de Sylvain Auroux: **A filosofia da linguagem** (1998), tradução de José Horta Nunes; **Filosofia da linguagem** (2009), tradução de Marcos Marcionilo; **A revolução tecnológica da gramatização** (1992), tradução de Eni Orlandi; e **A questão da origem das línguas seguido de A historicidade das ciências** (2008), tradução de Mariângela Joanilho. Minha leitura dá destaque a algumas citações bem específicas e traz à baila as relações entre a filosofia, a linguística e a história; a noção de gramatização das línguas; e as relações entre Análise do Discurso (AD) e História das Ideias Linguísticas (HIL) na produção do conhecimento. A partir de algumas considerações teóricas, passo, então, a discutir **O romance das palavras**.

A primeira questão que me parece pertinente é a de refletir sobre como o teórico da gramatização – M. Sylvain Auroux – estabelece relações entre o que são questões próprias à linguística e à filosofia, já que temos traduzidas no Brasil duas obras com títulos tão aproximados trazendo a pertinência da filosofia da linguagem para quem faz linguística e análise do discurso. Eis a citação que contribui para nosso entendimento:

A linguística não pode resolver as questões filosóficas. A rigor deve-se conceber que ela as desloca e faz nascer delas outras. Admitir-se-á também que é incontestável que o filósofo legifera a priori sobre o que deve ser o conhecimento científico. Não pensamos que exista princípio de demarcação claro entre o que é da ciência e o que é da filosofia. Na ausência de descontinuidade, o desenvolvimento do conhecimento pela resolução dos problemas, sob forma de saber científico e de certeza prática, é a única finalidade última que é razoável atribuir ao trabalho filosófico (AUROUX, 1998, p. 400).

Eu concordo com a perspectiva do autor, considerando que é aí que residem as relações entre a filosofia e a linguística: a filosofia movimenta o modo de pensarmos a língua - cientificamente falando -, e nisso a filosofia da linguagem se aproxima muito da AD, porque ambas instauram questões no interior do fazer científico, ambas não se satisfazem com verdades pré-concebidas. Isso é importante reter: há um lugar inquiridor nos estudos da linguagem e é nesse lugar que a filosofia se instala, bem como é desse lugar que fala também o analista do discurso.

As relações entre linguística e filosofia são essenciais para pensarmos na constituição dos saberes em História das Ideias Linguísticas, porque advêm dessas relações o modo de se pensar a história. Segundo Auroux, “o

historiador das ciências da linguagem raciocina em termos de técnicas e de evolução histórica; ele constata a diversidade e a contingência; por definição, ele admite que os conhecimentos são produtos históricos” (2009, p. 108). De fato, a produção do conhecimento linguístico precisa ser considerada em sua relação com a história, esta que não funciona como mero contexto, mas que é constitutiva de todo o processo.

Assim tomado o papel da história, pode-se adentrar no que move esta discussão: reflexões acerca dos processos de gramatização das línguas. É sempre importante nos reportarmos ao que diz Auroux, em **A revolução tecnológica da linguagem**, pois ele salienta que a gramatização das línguas tem efeito semelhante à Revolução Industrial para o mundo ocidental, sobretudo no tocante à tecnologização. Ambas têm o mesmo estatuto. Aliás, depois da invenção da escrita, tal como a concebemos ainda hoje, a gramatização das línguas foi o grande acontecimento, superando inclusive a invenção da imprensa. É impossível falar de gramatização a partir de Auroux sem mencionar a sucinta definição que ele apresenta, qual seja: “por gramatização deve-se entender o processo que conduz a *descrever* e a *instrumentar*¹ uma língua na base de duas tecnologias, que são ainda hoje os pilares de nosso saber metalingüístico: a gramática e o dicionário” (1992, p. 65). Trago esta definição para pensar, especialmente hoje, acerca do processo de gramatização de uma língua e das relações desse processo com as línguas minoritárias e as manifestações linguístico-culturais regionalistas. Esta é uma inquietude minha: se o dicionário é um dos pilares da gramatização de uma língua, como poderemos tomar os dicionários regionalistas? Temos dicionários regionalistas do e no Rio Grande do Sul, mas eles seguem uma gramática da língua portuguesa do Brasil que é oficial, nacional. Não se trata de gramatização? Como poderíamos tratar este processo que não cessa de se atualizar? Estas são questões que movem um pouco, hoje, minhas pesquisas; bem como são elas que me levaram a conhecer **O romance das palavras**, obra de autor gaúcho que produziu gramáticas e dicionários, na segunda metade do século XX.

Importa lembrar ainda que, para Auroux (1992), a gramatização das línguas também cumpre um papel de manutenção e preservação, tendo em vista que as línguas orais acabam se perdendo na ausência de instrumentos linguísticos que assegurariam sua patrimonialização. Para o autor, “a gramatização modificou profundamente a ecologia da comunicação e o estado do patrimônio lingüístico da humanidade” e com isso “as línguas, pouco ou menos ‘não-instrumentalizadas’, foram por isso mesmo mais expostas ao que convém chamar lingüicídio, quer seja ele voluntário ou não” (1992, p. 70).

¹ Itálico do autor.

Auroux (1992, p. 70) traz ainda a distinção entre gramatização, que ele prefere usar, e gramaticalização, conforme segue:

Esta palavra corresponde a um neologismo, sobre o modelo que deu “alfabetização”. Carvalho Buescu (1983) utilizou em português um neologismo semântico que correspondia ao francês “grammaticalisation” (o trabalho de gramaticalização das línguas exóticas que os portugueses encontraram). Esta última palavra sendo já usada pelos lingüistas para designar a fixação de um procedimento discursivo na gramática de uma língua, pensamos que fica mais claro utilizar uma nova palavra (cf. nota 12, p. 95).

Para muitos tal diferenciação pode passar despercebida, pois está em uma nota de fim (de texto), mas em minha compreensão a gramatização suplanta a noção de gramaticalização e isso interessa. Enquanto a primeira torna possível o ensino e o aprendizado de uma dada língua, a segunda é um processo mais freqüente, que atualiza a gramática; enquanto livro que tenta conter uma determinada língua imaginária², funcionando como um agente regulador. Por gramaticalização entende-se o processo que, por insistência e repetição, transpõe elementos discursivos próprios à língua fluida para a fixação própria do espaço da língua imaginária, o que é bastante diferente da gramatização de que tratamos ao estudarmos dicionários e gramáticas, por exemplo.

Ainda na esteira do que é e do que não é gramatização de uma língua, precisamos levar em conta o que Auroux denomina como “horizonte de retrospectção” e “horizonte de projeção”. Em minha concepção, essa distinção tem muito a ver com os princípios que regem a AD pecheutiana, porque desta perspectiva teórica não se busca a origem do discurso, mas ao mesmo tempo não há como negar a necessidade de se buscar estabelecer um ponto de fundação, uma linha imaginária que determina onde começaria a reflexão do analista; da mesma forma que em AD não há previsibilidade para os sentidos que o discurso pode produzir, mas há a possibilidade de antecipação que o funcionamento das formações imaginárias é capaz de promover nos sujeitos envolvidos no processo de produção de sentidos. É no âmbito do interdiscurso que todos os saberes se inscrevem de alguma forma, ou antes ou durante ou depois de uma determinada enunciação, e é nesse âmbito que a retrospectção e a projeção se efetivam. Se, por um lado, a HIL leva em conta a descontinuidade do discurso como constitutiva dos sentidos que se produzem na área e, com isso, promove a desconstrução de uma ordem simplesmente

² Cf. distinção feita por Orlandi (2009) entre língua fluida e língua imaginária.

cronológica como principal índice de organização da pesquisa; por outro lado, ela está inscrita prioritariamente em uma ordem temporal (e dizer tempo é diferente de dizer cronológico!), porque se há descontinuidade é porque há antes uma temporalidade que organiza os saberes, há sempre antes uma continuidade³.

A partir desta reflexão pode-se pensar também na constituição dos sujeitos e do fazer científico – enquanto construção do saber –, uma vez que eles andam juntos, pois “o historiador não é sujeito da ciência que é seu objeto; pode, a rigor, compartilhar o horizonte de retrospectão de S, os seus trabalhos podem figurar neste lugar, mas aquilo que produz pertence a modalidades diferentes e específicas do trabalho científico” (AUROUX, 2008, p. 143). Há uma tomada de posição do sujeito que é X e não Y, há uma escolha – às vezes mais e às vezes menos consciente – em detrimento de tantas outras possíveis. Enfim, para Auroux (2008, p. 151), “o historiador, como todos os colegas cientistas, constrói representações teóricas suscetíveis de serem corroboradas/invalidadas por dados empíricos. Algumas são melhores do que outras; **todas são necessariamente parciais**”⁴.

Ao estabelecer essas rápidas relações espero estabelecer também o lugar de onde quero falar: um lugar de onde já não se pode aceitar a existência de um “precursor genial qualquer” que estaria na fundação de uma ciência (ou de um processo de gramatização de uma língua). A fundação (se for tomada como científica ou não) advém de um trabalho muito maior do que aquele de um único sujeito – ainda que esse dedicasse toda sua vida ao estudo de um objeto dado, não conseguiria... É tudo o que vem antes que trabalha para que a produção do conhecimento se efetive; é todo o tipo de interlocução que ressoa no discurso como uma memória que não cessa de se reorganizar; e mais, é tudo o que vem depois e passa a reconfigurar os já-ditos, deslocando sentidos já postos e agregando a eles outros sentidos ainda na ordem do devir. Enfim, isso tudo incide no modo como entendo o processo de gramatização de uma língua, bem como incide nos modos de produção do conhecimento linguístico, tal como é concebido hoje, esteja ele presente no espaço da Linguística, em AD ou em HIL –, seja ele constitutivo de todos esses espaços.

³ Exemplo disso ocorre com a história da História: primeiro se tem uma ordem temporal, inegável; depois se tem a construção imaginária de uma ordem cronológica aceitável; para que com a Nova História se possa trazer à baila a descontinuidade, a voz dissonante, etc..

⁴ Grifo nosso.

Sobre *O romance das palavras* e Celso Pedro Luft

Confesso que tenho dificuldade em organizar esta parte do texto (que foi primeiro uma fala), pois me parece mais didático falar separadamente da obra e do autor, propondo depois algumas reflexões; no entanto, não é assim que tomo **O romance das palavras** e o autor, pois eles me vêm juntos, misturados. Isso provoca certa estranheza, mas, talvez, o meu interesse por questões relativas à constituição do sujeito justifique minha escolha. Passada a fase da indecisão, o que realmente importa dizer para controlar um pouco os sentidos é que se trata de uma obra que pode ser chamada de dicionário, já que é composta por uma lista de verbetes e que revela a preocupação etimológica e semântica do autor, julgado por nós como pesquisador com autoridade para ocupar a posição de dicionarista e de lexicógrafo da Língua Portuguesa Brasileira. Ainda assim não designaremos **O romance das palavras** como dicionário (simplesmente) para podermos explorar elementos que escapam, que extrapolam esse espaço tantas vezes sacralizado como é o caso do dicionário, enquanto instrumento linguístico constitutivo do processo de gramatização de uma dada língua. Trata-se de fato de uma opção metodológica que me parece mais condizente com o estágio atual da pesquisa que realizo. Dentre os elementos, que merecem destaque, chamam especial atenção as tomadas de posição do sujeito, seus modos de subjetivação no interior do discurso ora estudado.

Bem, mas quem é Celso Pedro Luft? Para responder a essa questão subsidio-me especialmente do trabalho de doutoramento de Susana da Silveira Gonçalves⁵ intitulado **História de instrumentos linguísticos no Sul: O lugar de Celso Pedro Luft**. Resumidamente, podemos dizer que era descendente de uma colônia alemã no interior do Rio Grande do Sul, convivendo desde sempre com a problemática da língua que ora era a alemã ora era a brasileira. Teve sólida formação marista (foi seminarista, adotando o nome de Irmão Arnulfo Maria). Estudou Letras na PUC-RS, aprofundando os estudos das gramáticas das línguas portuguesa, grega e latina, bem como os de cunho filológico. Foi professor da PUC e da UFRGS, casando-se em 1963 com Lya Luft. Dentre as obras de Luft, cabe a nós destacar aquelas que nos remetem à gramatização e à dicionarização mais especificamente, compondo um quadro em ordem cronológica, com título, editora e ano de publicação, conforme segue:

⁵ Pesquisadora do Laboratório Corpus/PPGL/UFSM.

<i>Dicionário de Literatura Portuguesa e Brasileira</i> , Globo, 1966.
<i>Dicionário Gramatical da Língua portuguesa</i> , Globo, 1967.
<i>Dicionário de sinônimos e antônimos da Língua Portuguesa</i> , Globo, 1980.
<i>Dicionário prático de regência verbal</i> , Ática, 1987.
<i>Pequeno dicionário da Língua Portuguesa</i> , Scipione, 1988.
<i>Dicionário prático da regência nominal</i> , Ática, 1992.
<i>O romance das palavras</i> , Ática, 1996.
<i>Superdicionário da Língua Portuguesa</i> , Globo, 1999.
Das gramáticas propostas pelo autor:
<i>Gramática resumida</i> , 1960.
<i>Moderna Gramática Brasileira</i> , 1976.
<i>Língua e Liberdade</i> ⁶ , 1985.

De fato, a vida e a obra de Luft são perpassadas pela inquietação de um sujeito que toma uma posição no espaço intervalar entre a língua alemã dos imigrantes que colonizaram o do sul do Brasil e a língua portuguesa. Trata-se de um sujeito que se constitui na contradição de estar entre línguas, lutando por essa língua da escola e que busca instrumentalizar o ensino-aprendizagem da língua, procurando na língua alemã estratégias e até exemplos para melhor compreender a língua portuguesa. No trabalho de Gonçalves (2010), encontramos subsídios para pensar um percurso que vai desde a produção de uma gramática resumida, passando por uma gramática moderna para chegar à obra **Língua e Liberdade**, sendo que nesta última ele alcança um espaço maior para reflexão acerca da língua, de sua instrumentalização e da própria constituição do sujeito na e pela língua. Concomitantes a essas publicações, temos os dicionários e **O romance das palavras**, organizado por Lya Luft, publicado no ano⁷ seguinte ao do falecimento do autor, com apresentação de Evanildo Bechara. Na apresentação, Bechara coloca esta obra no patamar de duas anteriores: **Curiosidades verbais** (1927), de João Ribeiro; e **Meios de expressão e alterações semânticas**, de Said Ali (1930).

Bechara diz ainda que em **O Romance das palavras** o leitor encontra a leitura e as reflexões pessoais do autor “sobre a língua que tanto amou e para a qual escreveu obras que, por muito tempo, gozarão do respeito e da admiração dos especialistas e do homem comum”, muito embora saliente também que Luft “ampara-se, como sempre, na lição dos bons autores” (1996,

⁶ Que não é gramática, mas revela a posição do sujeito em relação à língua, por isso nos interessa citar especialmente aqui.

⁷ 1996.

p. 4), ressaltando as características da vida pessoal de Luft e a sua relação com os autores que vieram antes. Para explicitar o recorte feito por Luft no interior do léxico da língua, Bechara salienta que foi extraído “um punhado de palavras cuja história faz desabrochar aos olhos do perplexo leitor, em comentários nos quais não faltam o peso da competência do mestre e certo *humour*⁸ do artista que nele existiu”. Então, se procurarmos uma lógica positivista, regendo a escolha lexical, deparar-nos-emos com “um punhado” de palavras, o que revela a fase final da produção de Luft, na qual ele já se mostra liberto de algumas amarras da convenção própria à produção do saber gramatical e dicionarístico, dando-se o deleite de produzir um dicionário diferente.

É importante que se diga que, em momento algum, a obra é denominada dicionário, embora siga a formatação da listagem de palavras. Bechara, por sua vez, prefere eleger como obra que “vai ocupar lugar de honra na extensa produção gramatical, filológica e lingüística do admirável colega e professor” (1996, p. 4). Enfim, o prefaciamento desta obra já revela um pouco da descontinuidade que ela traz em seu bojo, características que fazem dela, enquanto lista de palavras, um dicionário diferente; inclusive, se olharmos para o modo de funcionamento prático da obra, vamos nos deparar com a ordem alfabética que organiza a lista, mas uma só entrada traz mais de um verbete e, às vezes, traz em seu âmbito uma outra expressão, frase ou proposição. Não há uma lógica cartesiana regendo as escolhas ou organizando o que será mais ou menos explorado e isso nos causa certa estranheza, ao mesmo tempo em que nos seduz pela ousadia que apresenta. Vejamos alguns exemplos (também escolhidos de modo mais ou menos aleatório):

1)

Advento e evento

“Numa reportagem sobre flores e floristas, a repórter fala, sobre as flores plásticas: com o **evento** das flores plásticas, nunca faltam flores na praça. Não houve equívoco? A palavra não seria **advento**?”

“Evento das flores plásticas”? De fato, não faz sentido. Vejamos.

Evento significa ‘acontecimento, ocorrência’. Então teríamos: com o acontecimento das flores plásticas, nunca faltam flores na praça. O que implicaria que “aconteceram flores”...

Outro sentido de evento é ‘eventualidade’, aliás palavra esta que deriva daquela. E aqui teríamos: com a eventualidade (acaso, casualidade) das flores plásticas, nunca faltam flores. O que implicaria que “(as) flores plásticas são eventuais (casuais)”...

Claro que a reportagem estava querendo era falar do advento das flores plásticas. **Advento**, i. é., ‘chegada, vinda’.

⁸ Itálico do autor.

“Com o **advento** das flores plásticas, nunca faltam flores na praça.”

“Advento das flores plásticas” é transformação de: “as flores plásticas advieram (chegaram)”. Depois que vieram as flores plásticas (depois que elas foram inventadas, introduzidas), não há estação sem flores na praça.

Quem usa palavras, sobretudo palavras escritas, deve ter carinho por elas. Estudá-las bem, conviver com elas, olhá-las bem na cara; se possível, tocá-las, cheirá-las, conhecê-las na intimidade. É absolutamente imperdoável confundi-las. Mais que imperdoável a gente de jornal – profissionais da palavra escrita.

Confundir **advento** com **evento** é como confundir Amélia com Emília, Susana com Rosana, Regina com Rejane. Imperdoável, não?

(1996, p. 13-14)

Advento e evento - estão na mesma entrada, onde são salientadas as diferenças de origem etimológica e de sentidos; do mesmo modo que a intervenção do sujeito que fala, dialoga com o leitor, comparando a relação homem-palavra à relação homem-mulher; e dirige ainda uma crítica ao jornalista citado na “epígrafe” que apresenta a definição do verbete. Eis um modo bastante diferenciado de se produzir um verbete.

2)

Por que uma planta é uma planta

O arbusto do jardim, o traçado de um edifício, a sola do pé – tudo é **planta**. Por quê? Coincidência formal de nomes diferentes (homonímia)? Ou diversificação significativa (polissemia) da mesma palavra? Por que uma planta é uma planta – a roseira, o desenho e a sola do pé?

É mais um romance de palavras. História que principia nos pés e termina na cabeça.

1. A origem, por estranho que pareça, não está na planta vegetal (OBS.). O latim *planta* designava, no início, a 1.1 ‘parte inferior do pé (que assenta no chão)’. Quer dizer, no princípio era a planta do pé. (...)
2. Depois então o vegetal? Ainda não. Antes de planta, o verbo plantar. (...)
3. Agora então o vegetal? Sim. Desse verbo plantar, o substantivo planta. (...)
4. Da semântica 1.3 ‘parte inferior, base’ (...)
5. Eis que na história entra um mascarado, que aparentemente não estava no *script*: plano. Na acepção de ‘projeto, designio’, nada tem com o latim *planu* (que deu chão e porão). Claramente se liga à semântica ‘desenho, traçado, projeto’. (...)

OBS. – Sigo a lição do grande epistemologista Joan Corominas no seu *Diccionario etimológico de la lengua castellana*⁹. (1996, p. 171-173)

⁹ Grifos do autor.

Temos aqui o caso de um verbete diferente, trata-se de uma frase: Por que uma planta é uma planta (sem negrito, sem citação que a anteceda, com epígrafe). Tem início com a justificativa do título da obra: “É mais um romance de palavras. História que principia nos pés e termina na cabeça” (p. 171). Faz levantamento das origens epistemológicas e cita autor castelhano.

Além dessa organização descontínua, a obra nos chama a atenção pela presença de diferentes modos de enunciação que lhe são constitutivos. Temos a descrição, a narração e a dissertação; bem como temos um intenso diálogo com o leitor, uma aproximação que dá à obra o estatuto de popular, pois não é produzida para a academia ou para estudiosos. Vejamos:

3)

Amigo urso e ursada

Um amigo que de qualquer modo nos prejudica é, para todos nós, um amigo urso. É uma lembrança da fábula. Vem a história nesse delicioso e sábio La Fontaine. Um velho que gostava de jardins encontrou um urso na volta de um caminho e, disfarçando o medo, convidou a comer frutas e leite em sua casa. O urso aceitou o convite e os dois logo se fazem bons amigos e passam a viver juntos. Ia urso à caça, provendo a casa de mantimento fresco; mas o seu principal ofício era o de “espantador de moscas”, isto é: espantava quanta mosca importuna pousasse no rosto do amigo adormecido.

Um dia, dormia o velho profundamente no jardim, e certa mosca, vindo empoleirar-se-lhe na ponta do nariz, pôs em desespero o dedicado urso, que, mal a rechaçava, tinha imediatamente o despeito de vê-la voltar. Por fim, o espantador de moscas agarra uma pedra de calçamento, vibra-a com força e, esmagando o inseto, esmaga juntamente a cabeça do seu amigo amador de jardins.

O amigo urso é, pois, primeiramente, o amigo ignorante, aquele que nos prejudica por simples inexperiência, depois, o que nos prejudica por falso, de caso pensado.

“Formando os dois substantivos simples uma espécie de substantivo composto, pode escrever-se amigo-urso, com traço de união, o que, entretanto, não é preciso, ante a facilidade de um substantivo funcionar como adjetivo” (Martins de Aguiar, *Notas e estudos de português*, p. 134-5).

Dessa história deriva também o nosso substantivo **ursada** ‘mau procedimento sobretudo da parte de um amigo (i. é, procedimento de amigo-urso); traição’.

Em lugar de **amigo-urso** diz-se também, simplesmente, **urso** (‘mau amigo, amigo falso’).

Mas a palavra **urso** tem ainda outra semântica: homem pouco sociável, homem feio (campo em que ganha, porém, o **macaco**); indivíduo objeto de zombaria. E um lado positivo: na gíria estudantil, é **urso**, ou já foi, o estudante esforçado, estudioso, que recebe distinções e prêmios.

O **amigo-urso**, na linguagem familiar brasileira, é também **amigo-da-onça**. Mas aqui se esconde uma outra história.

(1996, p. 20-21)

4)

Etimologia popular

“A notória miudez do cachorrinho pequinês, somada ao desconhecimento do verdadeiro radical do seu nome, leva as pessoas a pensar em pequenez. Mais um caso de etimologia popular.”

Não se trata, na verdade, de “etimologia do povo”, i. é, do povo bancando etimologista. É simplesmente um fenômeno de analogia, de associação de idéias e palavras. (...) “É o agrupamento de palavras em famílias, segundo a sensibilidade idiomática do povo em dado momento da história” (Wartburg). Isto é, ignorando o que seja o radical **pequin-** (< **Pequim**), interpreta-se como **pequen-**, apoiando-se no tamanho do animal.

É a tendência a dar uma cara conhecida, familiar, a elementos desconhecidos, estranhos. (...)

Palavras são mal interpretadas por aproximações equivocadas: intemerato ‘imaculado’, interpretado como ‘destemido’; lutulento ‘lodoso, escuro’ (do latim *lutum* ‘lodo’), entendido como ‘de luto, lutuoso’.

Também ocorrem “etimologias populares” na linguagem humorística: (...) Sabe latir? (latim) (...)

(1996, p. 83-84)

Estamos diante de outro elemento que nos chama atenção, a modalidade do comentário, na qual são evidenciadas críticas ao fazer de outros estudiosos da língua e aparece também uma valorização diferenciada da oralidade como constitutiva da língua.

Ainda no âmbito dos comentários, temos as marcas de subjetividade mais explícitas, quando há um “eu” que toma uma posição mais próxima do outro, dirigindo-se ao leitor; sendo que algumas vezes a tomada de posição do sujeito revela uma espécie de reconhecimento de sua incompletude, o que podemos ver, por exemplo, na diferenciação que se faz entre história e estória, posicionando-se “Eu? Sou da simplicidade, da não-complicação: história. Em qualquer sentido. Afinal, ter mais de um significado é a sina da maioria das palavras. **Hoje** é o ‘dia corrente’ e o ‘tempo atual’: quem sabe, a gente opõe um **hoje** a **oje**? Em todo o caso, respeito o uso estilístico, pessoal de **estória**” (1996, p. 107).

Considerações finais

Se por um lado temos todo o processo de gramatização das línguas vinculado às tecnologias que instrumentam cada língua e possibilitam que cada uma delas seja ensinada e aprendida; por outro, temos a constituição de inúmeros instrumentos linguísticos que suplantam os objetivos de

gramatização e que podem contribuir, mas já não surgem com este propósito. Exemplo disso seriam os dicionários especializados e obras como esta de Luft que nos leva à compreensão de parte do processo de constituição identitária de um sujeito que é descendente de imigrantes alemães, que vive no entre línguas e no entre lugares, que desvenda esta língua que é sua e não é, que está/não está em dicionários e gramáticas.

De fato, Luft, professor, gramático, dicionarista, linguista, figura entre as grandes personalidades que nos ajudam a compreender um pouco mais da História das Ideias Linguísticas do/no sul do Brasil. As tomadas de posição desse sujeito são marcadas pelo amor declarado à língua e por uma relação misteriosa que mantém com ela até o fim da vida. Sua obra e sua vida se mesclam, metamorfoseiam-se em cores, revelando a forma romanesca que toma o sujeito que escreve sobre a língua.

Referências

AUROUX, Sylvain. **Filosofia da linguagem**. Trad. por Marcos Marcionilo. São Paulo, SP: Parábola, 2009.

_____. **A questão da origem das línguas** seguido de **A historicidade das ciências**. Trad. por Mariângela Joaquinha. Campinas, SP: RG, 2008.

_____. **A filosofia da linguagem**. Trad. por José Horta Nunes. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1998.

_____. **A revolução tecnológica da gramatização**. Trad. por Eni Puccinelli Orlandi. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992.

GONÇALVES, Susana da Silveira. **História de instrumentos linguísticos no sul: o lugar de Celso Pedro Luft**. Santa Maria, UFSM, 2010. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Maria, 2010.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Língua brasileira e outras histórias: Discurso sobre a língua e ensino no Brasil**. Campinas, SP: RG, 2009.